



PELA RESSIGNIFICAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CUIDADO EM ENFERMAGEM

Viver neste início de milênio, nomeado a era da informática, é defrontar-se continuamente com o novo, o extraordinário. Mudanças acontecem de maneira inesperada e, por vezes, sem a adequada preparação para seu enfrentamento, principalmente, para os nascidos no século XIX. Desse modo, tanto os mais vividos como os mais novos carecem, para o bem viver em seu sentido pleno, compreender sua própria visão de mundo com vistas a prevenir o desconforto/mal-estar.

A saúde no sentido de bem-estar não significa somente ausência de doenças, passando a abranger outros danos que comprometem as dimensões corporais física, mental, social e espiritual do ser humano, contextualizado no mundo onde vive e se relaciona com outros.

Todos cuidam para viver, incluindo a proteção do planeta e seus habitantes, embora a arte de cuidar tenha sido atribuída à mulher, ao longo do tempo. Historiadores enfermeiros apontam a enfermagem como uma profissão feminina, pois as mulheres a conceberam em espaço de trabalho, para além da vida familiar, ressignificando seus aspectos social, econômico, político e cultural¹.

O cuidado como prerrogativa dessa profissão, exercida majoritariamente por mulheres, delinea uma significação que abarca diferentes valores culturais, éticos, técnicos, científicos, sociais e étnicos, principalmente no Brasil, onde predomina a diversidade étnica e, conseqüentemente, cultural¹.

Os aspectos dessa diversidade neste país, devido à miscigenação, fortalecem o cuidado diante do processo saúde-doença, isto é bem-estar/mal-estar, tendo em vista que o modelo biomédico do cuidado, no ocidente, ao longo dos séculos, tem sido hegemônico, influenciando esse processo, impedindo, frequentemente, em prol da ciência (ou da cultura organizacional biomédica), os laços entre as pessoa e suas raízes culturais mais profundas.

Vale ressaltar que os saberes compartilhados entre as pessoas, leigas, afrodescendentes, indígenas, orientais, os considerados cientistas e os profissionais de saúde, ainda não expressam a realidade. Apesar do avanço científico, inclusive das áreas da homeopatia e das terapias complementares (acupuntura, floralterapia, reiki, cromoterapia e outras), além da fisioterapia, a integração interdisciplinar e multidisciplinar, ainda não caracteriza o fazer da área de saúde. Entretanto, o conhecimento procedente de certas culturas citadas só é disseminado através da oralidade entre seus pares, representando um prejuízo para a evolução científica¹.

Desse modo, o cuidado com a vida no planeta, um bem para todos, passa a ser capitalizado em diversas culturas, inclusive na da cientificidade.

Considerar o bem-estar como saúde impõe-se no compromisso dos profissionais desejosos em evitar os fatores que desviam o ser humano do estado de bem viver. Interrogar, com vistas à socialização, o respaldo do poder hegemônico da área de medicina, ainda permanente, e compartilhar este poder/saber com outros

grupos disciplinares equivale à: incentivar a vigência institucional da interdisciplinaridade; assumir responsabilidades no movimento sanitário; priorizar a expressão da subjetividade humana, enfim *desinstitucionalizar as organizações de saúde como lugar de doença*.

Se desenvolvêssemos um movimento para desestabilizar a permanência do poder/saber médico, que prioriza a cura das doenças centralizada em tratamentos invasivo, medicamentoso e cirúrgico na dimensão corporal física do cliente, como implementaríamos um cuidado responsável no contexto do movimento sanitário, ressignificando as instituições de saúde e o cuidado de enfermagem?

Para ressignificar o cuidado de enfermagem é preciso voltar ao que se conhece sobre esta arte sem percorrer um caminho histórico, mas recordar, principalmente, que seu objetivo é manter, com qualidade/bem-estar, a continuidade da vida. Diversos autores nacionais e estrangeiros o conceituam. Entretanto, uma das concepções que mais retrata, amplia e caracteriza este cuidado é o seguinte prólogo de Collière:

Cuidar da vida... Tal é esta primeira arte, verdadeira criação que, desde o dar à luz até a morte, participa no mistério da vida que luta, da vida que se apaga, da vida que ressurge, da vida que se afunda. Vida da mãe que traz ao mundo, do recém nascido que se afirma, da criança que se feriu, do acidentado que torna a dar os primeiros passos, do doente que sofre, do drogado que mergulha no delírio, da pessoa idosa que se interroga onde está. Cuidar... esta arte que precede todas as outras, sem a qual seria impossível existir, está na origem de todos os conhecimentos e na matriz de todas as culturas. Embora inserida na textura da vida cotidiana, esta arte permanece ainda tão desconhecida e a variedade dos seus resultados insuspeita²

Refletindo sobre este poema, tem-se a impressão de que tudo é cuidado. Assim, pode-se até parafrasear a autora referida, asseverando que tudo é cuidado... na vida. No *viver...* e *conviver* com o mundo, consigo mesmo e com os outros, até o que se concretiza, inadvertidamente, como descuidado. Pois a intenção deve ser sempre cuidar do planeta, cuidar da terra, dos mares, do ambiente, da sociedade, dos seres animados e dos que pensamos serem inanimados, visto que eles, também, contribuem para o equilíbrio do planeta e consequente manutenção da vida com qualidade. O perigo do cuidar é o excesso no cuidar de si sem pensar em nossa ligação com o cosmo e com os demais seres viventes.

Iraci dos Santos
Editora Associada

Referências

1. Santos I, Silva LA, Figueiredo NMA, Sampaio RS, Clos AC. Ressignificando o cuidado de enfermagem na dimensão étnica e sociocultural. Programa de Atualização em Enfermagem 2012; 1(1):14-48.
2. Collière MF. Cuidar... a primeira arte da vida. 2ª ed. Loures (Por): Lusociência: 2003.